



Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
Director, João Pinto, Evangelista

Numero 42

ASSIGNATURAS
AVEIRO—Um anno, 12200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 13300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 23500. Semestre, 12500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

PUBLICAÇÕES
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

1.º ANNO

O DESPOTISMO RELIGIOSO POLITICO

Um dos grandes males de todas as religiões é conservar o homem na dependencia eterna d'uma vontade arbitraria e dominadora. Um patrão no céo e um patrão na terra. E, por isso, o povo diz tradicionalmente: «ha de haver um que nos governe.»

Todo o interesse do patrão do céo é manter o patrão da terra e vice-versa. O patrão da terra sendo o representante do patrão do céo convem-lhe a incontestável existencia d'este, d'outra forma atacaria a própria existencia. Se Fuão é rei por graça de Deus, se a graça de Deus não existir, está claro que Fuão não tem direito algum a ser rei. Vice-versa, se Fuão não existir despotico para impôr a graça de Deus, esta pôde ser abalada pela philosophia, pelo pensamento, pela duvida, pela descrença. As duas existencias e os dois despotismos solidarizam-se e completam-se.

Assim foi e assim é em toda a parte. A evidencia demonstra que o poder religioso foi sempre tanto maior quanto maior foi o despotismo politico. O papa quer o poder temporal, e persiste n'essa aspiração atravez de tudo, porque o poder espirital ou ha de ser imposto á força ou naufraga fatalmente. Os papas, que melhor fizeram triumphar as imposições do papado, foram os que dispuzeram de maior poder temporal e politico. As epochas de maior influencia clerical foram sempre as de maior despotismo politico. A ausencia de liberdade coincidiu sempre com o predomínio do fanatismo.

A torpeza moral caminhou sempre de mãos dadas com a influencia das sacristias.

Quando as franquias populares se extinguem em Portugal, quando o absolutismo começa, avança a onda de reacção religiosa que, principiando na expulsão dos judeus, continúa nas scenas horribes da inquisição. Com a influencia das sacristias no tempo de D. Pedro II e de D. João V coincide a maior torpeza moral do paiz. A tyrannia de D. Miguel e a dissolução de costumes de Carlota Joaquina são alimentadas pelos hymnos das egrejas, pelos canticos dos devotos, pelos conselhos dos confessores e exhortações dos pregadores. Os carrascos e carcereiros dos libraes recebem indulgencias a rodos. E' em nome de Deus que se erguem as forcas e que se abrem as masmorrás para os pedreiros livres.

O que aconteceu em Portugal, aconteceu em toda a parte. A egreja abençoa em França os

assassinos dos protestantes que são, ao mesmo tempo, as figuras moraes mais torpes da dynastia dos Valois. Com o despotismo de Luiz XIV coincide a revogação do edito de Nantes.

Actualmente, a questão Dreyfus, em França, e a completa annullação das ultimas liberdades, em Portugal, veem comprovar que o despotismo politico coincide sempre com o predomínio clerical. E' o clericalismo que provoca exclusivamente o martyrio de Dreyfus. Com a excepcional protecção concedida nos ultimos tempos ao clericalismo em Portugal coincide a annullação da liberdade, que, nos ultimos cincoenta annos, se gosou entre nós.

Sempre o despotismo politico de mãos dadas com o despotismo religioso.

OS RESERVISTAS

Pelo ministerio da guerra foi expedida uma circular aos commandantes das 4 divisões militares, determinando que cada districto de recrutamento e reserva do continente sejam convocadas para serviço ordinario, por 30 dias, a começar em 1 do proximo mez de agosto, 170 praças da 2.ª reserva, sem instrução, que não serviram no exercito activo e pertencentes aos regimentos de infantaria de reserva.

A convocação far-se ha começando pelas praças que tiveram numero mais baixo no sorteio do contingente de 1899; realisando-se sua distribuição pelas freguezias de cada districto de recrutamento e reserva na mesma proporção, e seguindo as mesmas regras que para a distribuição do contingente de recrutas.

São dispensadas da convocação as praças que tiverem remido a obrigação do serviço activo, as residentes no estrangeiro com a devida licença e as que foram apuradas para os serviços auxiliares do exercito em tempo de guerra.

O 1.º dia de marcha para todos os reservistas será o dia 1 de agosto. Os que não tiverem de percorrer distancias superiores a 30 kilometros, até os locais de reunião, devem apresentar-se até ao toque de recolher d'aquelle dia. Os reservistas que tiverem de percorrer distancias inferiores áquella, deverão apresentar-se, o mais tardar, no dia 2 de agosto de manhã.

Nortada

Ha tres dias que temos sido açoitados por uma ventania diabolica. Nuvens de poeira invadem os estabelecimentos, causando prejuizos.

Ja é engulço

Na cerimonia a que o Papa procedeu na quinta-feira passada para a canonisação de dois novos santos, dêram-se dois incidentes: um peregrino de Genova foi atacado d'uma apoplexia morrendo quando chegou ao hospital, e um dos lustres da basilica de S. Pedro cahiu, ferindo uma senhora parisiense.

Um dos «pelingrinos» incorporados na pandega a Roma endoideceu antes de chegar a Lourdes e outros adoeeceram tendo que voltarem para suas casas sem lograrem ver o papa

AO PAIZ A IMPRENSA

O juiz de direito na comarca de Aveiro e a Justiça

Francisco Antonio Pinto Esparta foi juiz de direito na comarca d'Alcobaça antes de o ser em Aveiro. Pois de Alcobaça, —d'onde se vê que acertadamente andámos em nos dirigir ás consciencias honestas de todo o paiz, —acabamos nós de receber uma carta em que o seu auctor, depois de nos applaudir pela nossa attitudo, nos diz coisas espantosas do Esparta.

Muitas d'ellas são tão graves que não as podemos referir, enquanto não possuirmos provas sufficientes para apresentar no tribunal, onde tencionamos liquidar de vez o cidadão Esparta. Mas outras são precisamente do caracter de tantas que cidadão Esparta vem commettendo em Aveiro, sem respeito pela justiça nem attenção nenhuma pela opinião publica.

Assim, segundo o correspondente de Alcobaça, cidadão Esparta é apaixonado pela caça. Ora havia em Alcobaça um criminoso que era tambem caçador. Pois Esparta concedeu a mais extraordinaria protecção ao caçador que, por tal motivo, conseguiu eximir-se á responsabilidade dos seus crimes.

O auctor da carta diz-nos o nome do criminoso. Indagaremos e depois diremos o resto.

Mas esta coisa de cidadão Esparta saltar por cima da justiça para apadrinhar o criminoso, que lhe farejava as perdizes, não tem nada de extraordinario. Não absolveu cidadão Esparta a Beatriz Vieira? E porque? Porque Beatriz Vieira era defendida pelo compadre de Francisco Antonio.

Por isto. Só por isto! Beatriz Vieira ia matando Maria da Guia. A' tração. Covardemente. Uma testemunha disse: «eu vi!» O mesmo disse outra, e outra. E Beatriz Vieira foi absolvida!

Porquê? Porquê? Porquê foi absolvido o gatuno que confessou ter subtraído ao seu patrão sete mil e tantos réis?

Porque era que o outro nos dizia: «Calem-se lá vocês, com mil diabos, senão, sendo eu partidario e amigo do Povo de Aveiro, estou perdido nas questões que tenho pendentes em juiz.»

Porque foi que o outro, não podendo nem devendo nós calar-nos, passou de nosso amigo e partidario a ser, repentinamente, nosso inimigo?

Porquê? Porquê?

A razão é simples. Porque na comarca de Aveiro não ha lei, nem justiça. Na comarca de Aveiro so vale a vontade d'um homem que se chama Francisco Antonio Pinto.

Francisco Antonio Pinto é o arbitrio. Mas um arbitrio terrivel, que não se guia sómente, pelas proprias paixões. Guia-se, tambem pelos interesses e pelas paixões dos compadres, dos afilhados, dos amigos e até dos simples conhecidos.

D'ali a necessidade de estar de bem com elle. Os amigos dos seus inimigos tornam-se inimigos d'estes. Os clientes dos outros advogados fogem todos para o advogado favorito de Pinto. Porque só quem estiver de bem com Pinto, e de mal com os inimigos de Pinto, porque só quem dêr

dinheiro a ganhar ao advogado do amigo de Pinto, pôde adquirir as boas graças de Pinto. E como a unica norma, a unica regra, o unico arbitrio de questões, na comarca de Aveiro, é a vontade de Pinto, indispensavel se torna matar o pae, se preciso for, para captar as graças de Pinto.

Ha exaggero n'isto? Quem o dirá, depois de tantos factos que temos tornado publicos, principalmente depois d'aquelle que ultimamente se deu connosco?

Cidadão Esparta, disse ao nosso prezado amigo Domingos José dos Santos Leite que ficava conhecedor do seu depoimento, podendo, por isso, ir aquelle nosso amigo para o Porto, como tencionava, e ir descansado, que á volta assignaria o auto. E no dia seguinte mandou prender o editor do Povo de Aveiro por faltar a testemunha Domingos José dos Santos Leite, aquella testemunha que fora ao Porto fiada na solemne promessa do juiz, na palavra do primeiro magistrado da comarca, promessa e palavra segundo as quaes tudo se passaria como se Domingos Leite, cujo depoimento o juiz já conhecia, estivesse presente, promessa e palavra segundo as quaes Domingos Leite assignaria o auto quando, á tarde, regressasse do Porto.

Leitores de todos os partidos, de todas as cathogorias, de todas as classes, attendei!

Não duvidamos invocar a consciencia dos proprios tratantes, de todos os tratantes conhecidos e por conhecer.

Attendei. Ha na comarca de Aveiro um homem que fez isso.

Quem? O primeiro magistrado, o proprio juiz de direito o bacharel Francisco Antonio Pinto!

Esse homem fez isso! Fel-o por odio e fel-o por interesse. Por odio, para nos embarçar, para nos incomodar, para nos fazer gastar mais dinheiro. Por interesse, para nos compellir a novos requerimentos, á novos procedimentos judiciais de que resultariam, como resultaram, novos emolumentos para elle.

O juiz da comarca de Aveiro fez isso. E isso diz tudo. Diz mesmo tanto, que se a população de Aveiro não se levanta a formular um protesto enérgico contra um magistrado de tal ordem, nós deixaremos de falar aos homens para falar ás pedras das calçadas, certo de que estas, ao menos, se hão de commover e ouvir-nos.

E continuaremos, cidadão Esparta. Não haveis de dizer que tudo recou deante do vosso arbitrio.

Continuaremos, e, n'essa continuação, faremos as referencias precisas a mais algum dos casos d'Alcobaça que ficaram por contar.

Ver-se-ha que o homem tem sido o mesmo em toda a parte.

Novas notas de 500 réis

A administração do Banco de Portugal resolveu substituir o actual typo de notas de 500 réis, em circulação, por outro typo do mesmo valor.

As actuaes notas de 500 réis serão trocadas pelas do novo typo ou por outras de valor superior, á vontade do portador, nas thesourarias da sede, em Lisboa, da Caixa Filial no Porto e das agencias do Banco nas outras capitães dos districtos do continente e do Funchal, até 31 d'agosto proximo.

Depois d'aquelle data, a troca das actuaes notas de 500 réis só poderá effectuar-se na thesouraria do Banco em Lisboa.

Cartas d'Algures

1 DE JUNHO.

O eclipse serviu de thema para mil baboseiras de varios escrevinhadores, como quasi sempre succede com tudo n'esta terra.

E' singular a mania de apresentar este paiz como o mais hospitaleiro e de maior brandura de costumes e, ao mesmo tempo, como o mais selvagem da Europa.

Assim, ao par e passo que se desceu a ridiculos de amabilidades, sente-se prazer em declarar que o povo recebeu por toda a parte o acontecimento com espanto e horror. O burguez indigena, que vê em Paris o caixeiro de modas desfazer-se em gentilezas para empurrar os monos que tem na loja, julga que é aquelle o modelo do bom tom, que deve offerecer a sua casa como um caixeiro offerece a sua fazenda, que deve atrahir ás suas salas, ou aos seus jardins, os forasteiros e as visitas com as mesmas delicias com que o caixeiro atrahoe os freguezes ao balcão e cahe assim em ridiculos de primeira ordem. Se elle, ao menos, tivesse a finura e distincção de raça do caixeiro de Paris!

Eu vi, por exemplo, em Vizen, um escrevinhador muito melindrado porque em certo edificio publico não estavam á porta da rua os empregados, de chapéo na mão, a chamar os forasteiros e a guial-os, depois, na visita ao estabelecimento. O escrevinhador queria-os a gritar: «quem quer vêr a casa? Olhae que esta muito bonita. Vocencia quer vêr? Faça favor de entrar. Olhe, veja esta belleza. Olhe, aquelle primor. Que bonito! Não acha?

Vocencia quer um copo de agua? O' rapaz, traze um copo d'agua. Quer descansar um bocadinho? Ora tenha a bondade de descansar um bocadinho. Aqui tem uma cadeira. Faça favor de estar á sua vontade.» E assim por deante. Como o edificio estava simplesmente patente ao publico, que entrava e sahia sem embaraços de qualidade alguma, escrevinhador melindrou-se.

Talvez tivesse razão. Ha terras em que um escrevinhador é um rei pequeno. Na terra dos cegos quem tem um olho é rei. Na terra dos brutos succede coisa equivalente com os escrevinhadores de jornaes. Se o tal é rei ou não é rei em Vizen, é coisa que só importa aos da terra. Eu achei-lhe graça. E mais nada. Mas se é rei, o homem tem razão. Deviam esperar-o á porta e fazer-lhe corte e cauda. Principalmente cauda.

Mas, ao mesmo tempo que cahem n'estas exigencias, extremos e requintes de amabilidade

caixeiral, que fazem rir os estranhos, como um labrego faz sempre rir um homem,—por mais que este seja obsequiado por aquelle e por mais que se seja obrigado a agradecer-lhe os obsequios,—sempre que o labrego sahe da sua simplicidade captivante para imitar o homem do mundo, e então a imitação é comica; ao mesmo tempo que calhem n'esses extremos com a presumpção de passarem lá fóra por gente amavel e de bom tom, teem filé especial em apontar o paiz no estrangeiro como um grande bando de selvagens. Quem haja lido a papelada indigena fica convencido de que Portugal ainda não sahiu da Edade Média, tal é a ancia com que a *reportagem* imbecil denuncia os pasmos, os pavores, os horrores com que o povo presenciou por toda a parte o espectáculo. Aos réles escrevinhadores, sem sciencia nem capacidade para relatar outras coisas, não lhes escapou um grito de pasmo, uma interjeição, um bufo e um cheirinho que ouvissem e sentissem e que lhes parecesse signal de panico! Ora quem escreve estas linhas foi a Vizeu. Esteve no campo de observação dos astrónomos, occupado e cercado por milhares de pessoas. E não ouviu um grito, um só!, de panico ou pavor. Ouviu interjeições de enthusiasmo, soltadas por muitos, perante aquelle espectáculo verdadeiramente grandioso. Isso sim. Mas desmaios, gritos de terror, signaes de panico, nenhum. E não os houve. Quem dissér o contrario mente redundamente.

Quer isto dizer que não houvesse meia duzia de beatas a confessar-se com medo do eclipse, que uma velha estúpida não soltasse, aqui e além, por esse paiz fóra, um *ai* d'estupidez quando a luz se sumiu? Não. Houve d'isso, como ha sempre e em toda a parte, em tudo e por tudo. Mas foram casos isolados, excepciona- lissimos, fóra da attitude geral dos espectadores, que foi uma attitude de curiosidade e de admiração. E, posto isso, se os escrevinhadores periodicqueiros não fossem uns imbecis, no geral, só capazes de registrar banalidades e tolices, nunca trariam para os registos da imprensa excepções, tão accentuadas por elles, que vão dár ao mundo a idéa de que o eclipse se passou em Portugal como se isto fosse um povo de selvagens.

E não. Antes ficou bem demonstrado que a noite da ignorancia e do fanatismo passou de todo. O povo portuguez assistiu

ao espectáculo como um povo já adquirido pela civilisação.

E ainda bem. Do mal o menos.

A. B.

Automobilismo

No sabbado passado chegou a esta cidade, em tricycle automovel e trazendo a reboque uma victoriasinha pneumatica, o sr. Alfredo Dias Teixeira de quem são correspondentes em Aveiro os srs. Trindade & Filhos.

A velocidade do tricycle era de 35 kilometros por hora, podendo conduzir na victoria, sem excesso de esforço, duas pessoas.

Na segunda foi o tricycle para Coimbra, gastando no trajecto 1 h. e 50 m.

A tarde estava novamente de volta a esta cidade, d'onde partiu para o Porto.

Consta-nos que varias pessoas vão fazer aquisição de machinas identicas.

De resto, isto e o que os srs. Trindade & Filhos querem, é uma e mesma coisa.

Passelo velocipedico

Os socios do Recreio Artístico, d'esta cidade, promovem para o dia 17 do corrente a 6.^a corrida official de velocipedes a Anadia. Para esse fim já está aberta a inscripção na séde da Sociedade.

A pesca na ria d'Aveiro

Promettêmos, condicionalmente, no numero passado, fazer algumas considerações sobre este importantissimo assumpto que tão intimamente se liga ás condições de economia e productibilidade da zona maritima que habitamos. Cumprirêmos hoje essa promessa, e em poucas palavras, para não tomarmos espaço reservado para outros assumptos.

Quanto a nós, parece-nos que a questão primordial, a questão fundamental que immediata e urgentemente convém resolver, não é saber se os piscicultores ou antes proprietarios das piscinas pagam menos ou teem mais despesas do que o pescador de profissão, ou mesmo se este paga impostos de que aquelles são isentos por disposição justa ou injusta da lei. A questão para nós, para quem desprendidamente escreve estas linhas, não é essa. Nem o deve ser para ninguém. Não se trata de impostos, por agora. Lamenta-se, reconhece-se, condemna-se um damno, uma faina de inutil destruição a que é preciso pôr cõbro, fazendo cumprir escrupulosamente a letra da lei. Por varias vezes se tem tentado impedir a devastação da ria;

nada se conseguiu, mercê da estafada brandura dos nossos costumes, e muito possivel é que hoje, como hontem, o resultado d'esta campanha seja nullo. Pois é pena. Mas d'isto e só d'isto é que se trata. Os impostos teem, é verdade, a sua discussão, mas esta discussão é secundaria e nada tem que vér com a applicação das medidas repressivas estabelecidas por lei.

O argumento da fome não é um argumento, é uma phantasia. Os pescadores da Murtoza não morrem na miseria por não pescarem com o *botirão*, nem com outras artes de que se serve o nosso pescador. Este ultimo sabe muito bem quanto o murtozeiro que vem ao nosso mercado, apura diaria, semanal ou mesmo mensalmente, vendendo o peixe que pesca, por exemplo, com rede de salto ou de cerco. Sabe-o. Mas o uso do *botirão* demanda menos cuidado e menos arte: emquanto elle jaz seis horas na agua, o pescador dorme, descança regaladamente, muitas vezes, na prõa da bateira. Depois é só colher o que a corrente forçou a entrar no sacco; vende no mercado o pouco ou muito que se pôde utilizar para a alimentação, e o resto, a quasi totalidade do pescado vai para o *escasso*. Ora podendo o mercantel pescar unicamente depois de finda a safra do mar, e não usando elle senão o *botirão*, é claro o motivo que levou a Associação a excluir esta rede da representação que fez ou vai fazer aos poderes publicos.

Pedir-se tão sómente que a pesca seja prohibida nos tres mezes de criação, é um subterfugio, uma tentativa de ludibrio que só pôde emmalhar os ignorantes. Que tres mezes de criação? Todos sabem que a época de criação não é a mesma para todos os peixes. Cada especie desova n'uma determinada época do anno, d'onde resulta que o uso de redes prohibidas é sempre damninho, sejam quaes fõrem os mezes em que se empreguem.

A proposito do generoso pedido de tres mezes defesos, e visto que já aqui verberámos o vandalismo de quem quer que foi que arrancou da ria uma porção de mexilhões que, pelo seu tamanho, eram improprios para a alimentação, mas que, sem embargo, fõram vendidos na praça, e entre os quaes vinham duas ostras de identicas dimensões, como referimos, a este proposito, repetimos, occorre-nos dizer que a postura das ostras se estende de junho até principios de outubro. Quando se dá a eclosão dos ovos,

as dimensões das ostras são de cerca de 15 de millimetro. As *celhas* vibratéis de que são providas, permitem-lhes nadar até encontrarem um ponto onde se fixem, tomando então ali a sua fórma definitiva. Cada ostra produz em cada postura um a dois milhões de embryões. Infelizmente as ostras não abundam no nosso estuario; mas existem, procriam, são apanhadas ignorantemente com as dimensões que se viram no artigo que aqui publicámos. E o tempo da sua criação não é de tres mezes. E os mezes em que criam não são precisamente aquelles que *generosamente* se pretende tornar defesos. De maneira que, permanecendo as cousas n'este estado, ou dispondo-as como alguns pretendem, a devastação ha de continuar sempre. O que dissêmos das ostras, cuja tendencia para novamente se desenvolverem na nossa ria encontra um poderoso obstaculo na ganancia e ignorancia do nosso pescador, pôde tambem dizer-se de tantissimas outras especies que numericamente diminuem.

Tres mezes de criação!

Espanta pelo arrôjo a cega confiança que depositam na ignorancia alheia.

Tres mezes de criação!

Em resumo e para terminar por hoje:— a questão fundamental é a suppressão rigorosa, permanente de todos osapparelhos de pesca cujo uso a lei prohibe. Só assim se conseguirá o fim desejado. D'outro modo nada feito. A devastação ha de dar-se, progredir, se a lei não fôr cumprida com todo o seu rigor.

Que, a final, não terêmos muito que nos admirar, se tudo ficar em *linguado*. E o linguado não é dos peores peixes, mas é um dos que soffrem, e muito, com a devastação até hoje impune da nossa ria.

Photographias

Estão á venda no Kiosque da Praça as photographias do cortejo do 1.^o de Maio.

O proprietario do Kiosque, sr. Pedro de Souza, encarrega-se, por modico preço, de mandar vir expressamente o photographo a esta cidade para photographar grupos de pessoas que assim o exijam.

Festas e arraaes

A'manhã ha festa de estrondo em Vagos. Hoje á noite ha alli illuminação, fogo preso, etc. etc. Assiste a phylarmonica *Aveirense* que vai brillhantar a festa com o seu repertorio.

O Senhor dos Afflictos tambem este anno tem festa de espavento. Além do arraial, tem á noite illuminação, fogo e musica.

vê afflicto. Ou abre-me a porta quanto antes ou, pela santa cruz, arrombo-a eu para poder entrar.

— Amigo viajante, tornou o ermita, não sejas importuno; se me obrigas a usar de armas carnaes em minha defeza, tanto peor para ti.

N'este momento um ruido distante de latidos e grunhidos que o viajante ouvira anteriormente, tornou-se extremamente forte e furioso, fazendo suppôr ao cavalleiro que o ermita, alarmado com a sua ameaça de entrar á força, chamara os caes que tinham feito o barulho para o ajudarem a defender-se e que estavam fechados n'algun sitio afastado. Irritado com esses preparativos do ermita no intento de lhe recusar hospitalidade, o cavalleiro deu um pontapé na porta com tal força que as humbreiras e a fecha-

adura foram abaladas violentamente.

O anachoreta, não desejando expôr a sua porta a outro choque semelhante, exclamou então, alteando a voz:—Paciencia, paciencia! poupa as tuas forças, bom viajante; já te vou abrir a porta, apesar de que provavelmente terás pouco de que te felicitar.

Abriu-se effectivamente a porta; e o ermita appareceu deante do cavalleiro. Era um homem grosso e fortemente constituído, com o habito e capuz de frade e uma corda de esparto na cintura; n'uma das mãos segurava um archote acceso e na outra tinha um páo de maceira brava tão grosso e pesado que poderia passar por uma maça. Dois caes enormes, de pello hirsuto, meio lebreus e meio mastins, estavam ao lado d'elle, promptos a lançarem-se sobre o viandante, assim que se

abrisse a porta. Mas, logo que ao clarão do archote o ermita avistou a alta cimeira e as esporas d'oiro do cavalleiro, mudando provavelmente de intenção, reprimiu o furor dos seus auxiliares e, n'um tom de delicadeza rustica, convidou o cavalleiro a entrar na sua cabana, e desculpou-se da sua má vontade em abrir a porta depois do sol posto all-gaudo a multidão de ladrões e *outlaws*, que infestavam os arredores, sem respeito a Nossa Senhora, nem a S. Dunstan, nem aos santos homeus que passavam a vida a servil-os.

— A pobreza da vossa cella, bom padre,—disse o cavalleiro, olhando em volta de si e não vendo mais do que um leito de folhas, um crucifixo de carvalho grosseiramente esculpido, um missal, uma mesa tosca, dois escabellos e um

A EXTINÇÃO DAS ORDENS RELIGIOSAS

No dia 26 de maio findo fez 66 annos que um ministro liberal de convicção, constituído de pulso de ferro, e quando ainda a reacção estava na brutal força do seu poderio, esse ministro portuguez que foi Joaquim Antonio de Aguiar, promulgou o decreto extinguindo as ordens religiosas em Portugal, dizendo no seu primeiro artigo o seguinte:

Art. 1.^o Ficam desde já extinctas em Portugal, Algarve, Ilhas adjacentes, e Dominios Portuguezes, todos os Conventos, Mosteiros, Collegios, Hospícios, e quaesquer Casas de Religiosos de todas as Ordens Regulares, seja qual fôr a sua denominação, instituto ou regra.

O grande ministro conhecia bem o perigo de taes instituições, fôcos de verdadeira immoralidade e depravação, d'onde dimanavam as trévas que embrutecia o espirito humano; simplesmente antros de retrocesso; inimigos da liberdade e da luz da civilisação.

O citado decreto era precedido d'um relatorio que bem mostra que Joaquim Antonio d'Aguiar conhecia a necessidade de acabar com similhantes estabelecimentos. Pena é que passados 66 annos, intolerantemente vejamos medrar á sombra dos poderes constituídos os funebres restabelecimentos e de toda a casta de jesuitas e fraderia repugnante.

Quando se procedeu á revogação dos conventos, em 1834 existiam n'esse tempo, em todo o paiz 206 conventos da ordem de S. Francisco e suas subdivisões; além de 24 collegios de frades em Coimbra, que tambem foram supprimidos. Isto é, o paiz estava possuido de toda a ordem de occiosos acobertados com o falso manto da religião.

Mas não imaginem que estamos de todo livres da praga, porque em Lisboa e em muitas partes funcçãoam conventos, embora com differente denominação, mas os fins são os mesmos.

Vamos transcrever alguns periodos do referido relatorio que precedia a grande obra d'Aguiar:

«A historia das ordens regulares é quasi a mesma em todas as nações em que foram admittidas, pôde dizer-se que em todos, os mesmos principios e os mesmos meios, serviram ao seu estabelecimento, que em toda a parte se encontra n'ella a mesma relaxação e os mesmos abusos, e que as consequencias para a moral para a religião e para o estado teem sido as mesmas. Folheando-se os annaes da historia portugueza e os documentos antigos e modernos, achar-se-hão abun-

ou dois utensilios caseiros muito ordinarios,— a pobreza da vossa cella parece-me uma garantia sufficiente contra os ladrões, sem fielar no auxilio d'estes dois cães feis, bastante corpulentos e robustos, parece-me, para espatifarem um veado e para fazerem frente a muitos homens.

— O bom conteiro da floresta, disse o ermita, auctorizou-me a ter commigo estes animaes para protegerem a minha solidão até que venham tempos melhores.

Dizendo isto, fixou o archote n'uma vara de ferro torcida que servia de castiçal; e, lançando uma racha de carvalho no lume, que avivou com lenha secca, chegou um dos escabellos para um lado da meza e fez signal ao cavalleiro para que chegasse o outro.

Sentaram-se ambos e estiveram

(41)

FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XVI

— Um caminho que abatem em muitos pontos... um precipicio... uma ribeira e um pantano! disse o cavalleiro interrompendo-o. *Sir* ermita, ainda que vós fosseis o mais santo homem que tenha usado barbas ou rezado o rosario, não sereis capaz de me resolver a andar de noite por tal caminho. Repito-te, tu que vives da caridade dos outros,—bem mal merecida, segundo vejo,—não tens o direito de recusar abrigo a um viandante que se

antes provas d'esta verdade pelo que toca a Portugal, e não fal arão particularmente exemplos d'actos de ousada temeridade pelo que contra os direitos dos principios e contra os mais sagrados direitos dos povos, de ingerencia nos negocios civis e politicos e de uma desordenada ambição de riquezas.

Desde esta epocha (1820), os religiozinhos, não contentes de extraviarem das ideias da liberdade, com a sua magia sagrada, os espiritos fracos por veredas tortuosas, depondo todos os respeitos, correram como ondas medonhas a investir de todos os lados, as naus do estado; as casas religiosas foram convertidas em assembleas revolucionarias; os pulpitos em tribunas de calumnias facciosas e sanguinolentas; e os confessorios em oráculos de fanatismo e de traição. A nação inteira viu uma parte do clero regular trocando a milicia de Deus pela milicia secular abandonando effectivamente o santuario, cuja potencia os não secundava, despoçando o culto das suas opulencias, para as converter em meios e estímulos de guerra, distribuindo com uma mão as reliquias dos santos, com outra as armas fraticidas, alterando as verdades do Evangelho com as mentiras mais absurdas, as orações com as proclamações mais ferozes, e para cumulo de horror perpetrando na solidão da noite desactos enauditos para os assoalhar de dia como obra de liberes: a nação toda o viu alistando-se n'esses bandos de selvagens assim por elle fanaticados, correndo as fileiras, cingindo, em vez do cilicio, que lhe cumpria trazer, a espada que devera exterminar-o, e disparando raios de morte com as mãos que foram sagradas para supplicar e attrahir as bençãos dos céos sobre os seus semelhantes, incitando com a sua palavra e com o exemplo ao roubo, ao assassinio, e ao incendio; submettendo emfim, a religião aos caprichos de uma imaginação delirante e furiosa.

Exercício

O regimento de cavallaria 7, aquartelado n'esta cidade, teve na quarta-feira, de tarde, exercicio geral no campo da Oliveirinha, sob o commando do seu digno commandante, sr. Mousinho d'Albuquerque.

O regimento levou, pela primeira vez, a charanga, que graças á officialidade e ao seu commandante, está finalmente organizada. A sua apresentação agradeu pelo que são dignos de louvor todos os que concorreram para a sua organização.

Acompanharam o regimento muitas pessoas, que foram vêr o exercicio, trazendo as melhores impressões pelo modo como elle correu.

Eram 9 horas da noite quando recolheu ao quartel.

Jayme Duarte Silva

ADVOCADO

R. DO SOL—AVEIRO

algum tempo a mirarem-se gravemente um ao outro, pensando cada um de si para si que poucas vezes tiuha visto um homem mais vigoroso e decidido do que o que tinha na sua frente.

— Reverendo ermita, disse por fim o cavalleiro depois de ter examinado bem o seu hospedeiro, se não interrompesse as vossas piedosas meditações, tres coisas desejaria saber de vossa reverendissima: primeiro, onde posso recolher o meu cavallo; segundo, o que me dareis para ceiar; e terceiro, onde arranjarei uma cama para passar a noite?

— Responder-vos-hei por gestos, disse o ermita, porque a minha regra não me permite falar quando com signaes possa supprir as palavras. Dizeudo isto apontou successivamente para dois cantos da

O ECLIPSE

Não se fala n'outra coisa. Os jornaes veem pejudados de noticias, impressões individuaes, descrições mais ou menos fieis, observações particulares mais ou menos dispartadas conforme o criterio e gráo de cultura intellectual do observador. Muitos prendem-se com insignificancias, minudencias em demasia sabidas e com cuja notificação a sciencia nada aproveita. Houve de tudo isto.

A sumptuosidade magnificante do phenomeno impressionou a ignorancia vulgar, que, em verdade se diga, não vê já nos eclipses, geralmente, o dedo mysterioso da divindade presagiando cataclismos cosmicos, revoluções sociaes, etc. etc. A impressão sentida foi de admiração, de entusiasmo, não de receio.

Em regra o povo já não está possuido d'esses temores estupidos. Admira com espanto, sem comprehender, mas não treme de ridiculo pavor.

Em todo o caso, nos menos fortes, em muitos que tem o espirito ainda acorrentado pelo fanatismo aos poderes occultos, o phenomeno não deixou de produzir certa impressão de susto. E assim foi que muita gente do campo rompeu em exclamações de pavor ao ver occultar-se por detrás da lua o disco luminoso do sol a que a corôa veio dar um aspecto phantastico, maravilhoso, como só a natureza pôde produzir. Mas este facto só se aponta como nota alegre, de modo nenhum como facto geral, como o pretendem fazer acreditar certos periodicos, faltos de sciencia e consciencia.

De resto, que dizer?

O eclipse tem sido descripto por todos os modos e feitos.

Que todos n'esse dia estavam d'olhos fitos no céu, observando-o através d'um vidro defumado?

Pois bem. Assim foi. Os vidraceiros não tiveram mãos a medir, e muitos quartilhos de petroleo se queimaram para produzir negro de fumo.

Desastre mortal

Na quinta-feira passada algumas creanças do bairro piscatorio tiveram a infeliz ideia de se divertirem, fazendo balanços nas traizeiras d'um carro de Agueda, que, pelo meio dia, estava descarregando cabazes no Caes dos Mercanteis; mas com tão má sorte o fizeram que o carro, pondo-se a pino, descarregou na frente d'uma d'ellas uma valente pancada, deixando-a prostrada sem

cabana:—Alli é a vossa cama, disse elle, além é a cavallaria; depois, tirando de cima de uma prateleira proxima um prato com dois punhados de cicharos, pol-o sobre a meza, acrescentando:—e aqui está a vossa ceia.

O cavalleiro encolheu os hombros, e sabindo da cabana, foi buscar o cavallo (que provisoriamente prendera a uma arvore), desaparelhou-o com todo o cuidado e deitou-lhe por cima o seu proprio manto.

O ermita parece que se compadeceu ao vêr a solicitude e habilidade com que o cavalleiro tratava do seu cavallo, porque, murmurando algumas palavras sobre forrageus em reserva para o palafrem do conteiro, tirou de um esconderijo uma facha de feno que collocou deante do cavallo, e em segui-

mentos e seguindo-se a breve trecho a morte.

A desditosa creança chamava-se Manuel e era filho de João Vicente Ferreira e Delfina Povoa.

O carroiro, que não teve culpa do desastre, foi obrigado a pagar a multa de 500 réis por ter o carro abandonado.

Pergunta-se:

Quantos e quantos carros abandonados costumam estar n'aquelle local? Foi aquelle o primeiro abandonado que alli appareceu? Foi porventura esta a primeira vez que o facto d'abandono se deu?

Não.

Então quantas multas tem a policia applicado por tal motivo? Parece que nenhuma. Multou agora este carroiro, porque o carro produziu a morte a uma creança.

Ora o mais conveniente, o mais justo, para evitar d'estes desastres sempre lamentaveis, mas de que os carroiros quasi nunca tem a culpa, o mais aceitavel era prohibir que pelas ruas vagueassem creanças desacompanhadas, impondo, quando tal se desse, uma multa ás mães ou aos paes que assim as deixam andar á redea solta.

Ao sr. commissario de policia submettemos o caso, rogando-lhe se digne providenciar n'este sentido, e se assim o fizer estamos certos de que os desastres não hão de ser tão frequentes, principalmente n'aquelle local.

THEATRO AVEIRENSE

Annunciam se para os dias 7, 8 e 9 de corrente tres espectaculos no nosso Theatro, pela companhia do actor Joaquim d'Almeida. Representar-se-ha *O Saltimbanco*, *Papá Lébonard* e *O desaparecido*.

A assignatura está aberta nos *Armazens da Beira-Mar*, onde os habitues poderão ir marcar os seus lugares.

O PAPA E O VATICANO

Aos que fungam lamurias a respeito da pobreza do prisioneiro do Vaticano offerecemos este prato de informações:

Leão XIII, o papa actual, tem no Banco de Inglaterra a bagatella de 250 milhões de francos.

Possue, além d'isto, extensos terrenos em Haggerstow e muitas fazendas em Londres.

O Vaticano mede uma circunferencia de mais de 2 kilometros.

Contém 11:000 habitações; 4:422 grandes, e 6:588 pequenas; 20 pateos; 204 escadarias; grandiosas galerias; imensos e perfumados jardins; um grande muzeu de pintura, outro de escultura e ainda mais outro de antiguidades, que valem milhões.

A bibliotheca é a mais completa e rica do mundo. A capella Sixtina, por si só, constitue um verdadeiro thesouro.

da deitou uma porção de fetos secos no canto que devia servir de cama ao cavalleiro. Este agradeceu-lhe a sua delicadeza; e depois ambos tornaram a sentar-se á meza. deante do prato de chicharos. O ermita recitou uma comprida oração de graças, que em tempos fôra em latim mas poucos vestigios conservava já d'essa lingua, a não ser de vez em quando a terminação mais carregada de alguma palavra ou phrase, e depois deu o exemplo ao seu hospede introduzindo n'uma bocca enorme e guarnecida de duas feiras de dentes tão brancos e tão aguçados como os de um jovali, uns tres ou quatro chicharos, miseravel maquia para tão alentado moinho.

O cavalleiro, para corresponder a tão louvavel exemplo, tirou o capacete, a corôa e a maior parte

O barrete ou tiara pontifical, está adornada com 8 rubis, 24 perolas e uma esmeralda; a cruz que tem como remate é formada de 12 brilhantes. O brilhante principal que corôa a tiara é do volume d'uma noz. Esta joia foi comprada pelo papa Julio II no seculo XVI pela quantia de 20:000 ducados.

Cerca do Vaticano ha um arsenal chamado Bonavista. Estão á disposição de Leão XIII 122 baterias, 9:200 granadas e um sem numero de artilheiros.

O gasto do «desventurado», calcula-se em 1 conto de réis diarios, ou sejam 365 contos ao anno.

Pie IX deixou a Leão XIII a «miseria» de trinta milhões de pesetas... E porque as cousas lhe correram mal.

Desde 1860 a 1870, o dinheiro de S. Pedro, ou seja o recolhido de esmolmas em 10 annos, ascendeu a 1:000 milhões de pesetas.

Uma esmolinha, pois, para o pobrezinho do Vaticano.

N'uma escola:

— Qual é a significação da palavra salario? pergunta um professor.

— Não sei, sr. professor, responde o alumno.

— Ora diga-me: o que faz seu pae durante toda a semana?

— Trabalha.

— Quando lhe pagam?

— Todos os sabbados.

— Então que leva elle para casa quando sae da officina aos sabbados?

— Uma bebedeira desgraçada.

Horroroso!

N'uma terra de Hespanha, Algociras, foi ha dias dada por morta uma mulher, chamada Luiza Oliva. A morte suppozera-se produzida pela impressão que causara a Luiza a chegada d'um filho seu que estava em Sevilha curando-se das mordeduras d'um cão hydrophobo, e essa hypothese tinha especialmente a tornal-a aceitavel o facto de a pobre mulher padecer de uma lesão cardiaca.

Trasladado o corpo para o cemiterio depois de decorrido o tempo normal, quarenta e oito horas após a inhumação os carabineiros e empregados da Arrendataria que fazem serviço nos arredores do campo, informaram o coveiro de que durante a noite tinham sentido um rumor que lhes pareceu sahir de um dos mansoleus.

Passado em revista o lugar indicado, viu-se que gottejava sangue do nicho onde Luiza Oliva fôra inhumada. Avisados os filhos e as autoridades respectivas, foi aberto o nicho e encontrou-se a infortunada mulher estendida de bruços, com uma das mãos crispada no cabelo e a outra na cara, apresentando signaes evidetissimos de ter morrido depois de sepultada e após uma lucha desesperada para se libertar.

O medico que passou a certidão d'obito sustenta não ter havido levandade da sua parte, mas, apesar d'isso, é seguro que a desditosa Luiza foi enterrada viva durante um ataque de catalepsia. Verdadeiramente horrivel!

da sua armadura, fazendo ver ao ermita uma cabeça coberta de cabellos louros espessos e anelados, feições nobres, olhos azues extremamente vivos e penetrantes, bocca bem feita ornada superiormente de um bigode castanho, emfim toda a apparencia de um homem arrojado, corajoso e emprehendedor, como annunciava a sua robusta estatura.

O ermita, desejando corresponder á confiança do seu hospede, atirou o capuz para traz e descobriu uma cabeça redonda e como um bola, mostrando um homem no vigor da idade. A sua tonsura, barbeada de fresco, cercada por um circulo de cabellos pretos e crespos, fazia lembrar um redil de parruchia cingido pela sua alta sebe. As suas feições não exprimiam austeridade monacal ou privações

PALAVRAS SOLTAS

Palavras loucas

Palavras loucas, leva-as o vento... Para onde as levas assim no ar? Vê se as abriga, que sou friorento, Na alpendurada do olhar cinzento, A' verde sombra de aquelle olhar!

Olhos que fazem a noite e o dia, Com elles fitos na minha mão, O moreninha, que te dizia, Palavras loucas, a phantasia? Palavras loucas, o coração?

Vento e ventura, que pouco dura... Poupai as horas, gente perdida! Poupai a alma, guardai-lhe a alvura... Palavras loucas, de que loucura, Palavras loucas da minha vida!

N'uma ermida de branca aldeia, Ai quem me dêra, Senhor, pregar! Ou pelos montes, á lua cheia... Palavras loucas, que louca ideia! Palavras loucas ao pé do altar!

Coimbra em março, tísica estranha, N'essas melhoras já me eu não fio: Lívida fica, se a Lua a banha... Palavras loucas vêm da montanha, Palavras loucas bailam no rio!

Cloupos delgados como setins, Os arvoredos que choram máguas, Fontes que gemem tragicos fins... Palavras loucas d'esses jardins, Palavras loucas das verdes aguas!

Tento na agua, que verte a infusa, Rapariguinhas: candura, amor! E essa tristeza, já se não usa? Palavras loucas da vossa musa, Palavras loucas, senhor doutor!

E a quantas digo meu sermão novo, Vozes anargas, gigantias roucas, Todas me accusam, ninguém comovo... Palavras loucas, bem diz o povo: «Palavras loucas, orelhas moucas!»

Só a morena que esta alma adora, Olhos em pranto, bocca em sorriso, Palavras loucas, ella as decora, Por ellas reza, com ellas chora, Encontra n'ellas o paraíso!

Vento do norte, vôa apressado! Quebra lhe os vidros, abre a janella, Deixa o meu livro desamparado... Palavras loucas, mas Deus louvado! Palavras loucas... de amor por ella!

Alberto de Oliveira.

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro—Lisboa.

ANNUNCIOS

VENDA DE CASAS

VENDE-SE duas moradas de casas, com quintal e poço. Trata-se com Antonio Bessa, rua das Olarias—Aveiro.

asceticas; pelo contrario mostravam um caracter ousado e rude, com as sobranceiras largas e pretas, a testa espaçosa, as faches rechonchudas e rubicundas como as de uma trombeta, das quaes descia uma barba comprida, preta e frisada. Um rosto assim e as fôrmas musculosas do santo homem faziam pensar mais em bons lombos e perguntas do que em chicharos e legumes. Esta incongruência não escapou ao seu hospede. Depois de ter mastigado com alguma difficuldade uns poucos de chicharos, foi-lhe absolutamente necessario pedir ao seu piedoso hospedeiro um liquido qualquer, ao que este satisfez collocando deante d'elle uma grande bilha cheia de mais pura agua.

(Continua.)

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moido, avulso e empacotado, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a prazo, e sendo a pròprio pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vende ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços razoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 réis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercaria bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha a biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente, de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, óleo, aguarraz, alcool, brochas, pinças, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidranga, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

Azeite do Douro BARRA—PHAROL

NINGUEM compre sem visitar o Armazem da Bandeirinha, & rua das Barcas; pois é alli onde se vende o puro azeite, por junto e a retalho.

Preços convidativos. Desconto aos revendedores.

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

OS srs. banhistas d'estas praias encontram na loja da Gambeia, do Arthur Paes, os mais necessarios generos comestiveis, taes como feijão, massa, batata, toucinho, manteiga de porco, queijo da serra, etc. E ainda o tal biscoito d'Aveiro, —e o biscoito de leite, que só se vende e faz n'esta casa.

VINHO DE MEZA:—o genuino vinho de meza, limpo, aromatico, levemente taninoso, o que constitue o verdadeiro typo de vinho para meza, tambem se vende no mesmo estabelecimento, com as vantagens manifestas dos srs. banhistas terem ao pé da porta vinho bom e a preço modico. Levam-se amostras a quem as pedir.

TYPOGRAPHIA

DO POVO DE AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc. etc.

RUA DE S. MARTINHO AVEIRO

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro. Cada fasc. de 48 pag., papel de luxo, magnificamente impresso em typo elzevir e com uma formosissima estampa a 12 côres—120 réis.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam affictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escallam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

NESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins

(O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verão.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encomendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

José Gonçalves Gamellas

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só affrança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhim e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa). Flores artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

FABRICA A VAPOR

DE

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

DE

Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, e sêmeas

Compras de milho, e trigo, tanto por junto como a retalho

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES — AVEIRO

NESTA antiga e acreditada

José Gonçalves Gamellas

A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCOES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos